

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA SEXUAL E DOMÉSTICA

Facing sexual and domestic violence

Débora Daiane Beyer dos Santos¹

Fernanda Estrella²

Gisela I. W. Streck³

Resumo

A violência sexual e doméstica coloca-se como um problema em todos os setores da sociedade atual, visto o número preocupante de mulheres violentadas diariamente. Este tipo de violência é comum, atinge mulheres das mais diferentes idades, mas, a maioria dos casos, ainda permanece na invisibilidade. Ainda existem inúmeras barreiras, culturais, sociais e até mesmo religiosas, que dificultam a denúncia, dando lugar ao silêncio. Urge buscarmos formas de mobilização, intervenção e prevenção para que a violência seja erradicada. A complexidade e abrangência do assunto mostram que toda a sociedade precisa se unir no enfrentamento a violência sexual e doméstica garantindo às mulheres os seus direitos.

Palavras-chave: Violência. Sexual. Enfrentamento.

Abstract

Sexual and domestic violence poses a problem in all sectors of society today, given the worrying number of women raped daily. This type of violence is common, affects women of all ages, but most cases still remain invisible. There are still numerous barriers, cultural, social and even religious, that make denunciation difficult, giving way to silence. It is urgent to seek ways of mobilizing, intervening and preventing violence to be eradicated. The complexity and scope of the issue show that the whole society needs to unite in coping with sexual and domestic violence by guaranteeing women their rights.

Keywords: Violence. Sexual. Coping.

¹ Possui Graduação em Teologia pela Faculdades EST. Aluna do Mestrado Acadêmico em Teologia da Faculdades EST, bolsista CNPq. Contato: deborabeyer@yahoo.com.br.

² Aluna do Doutorado em Teologia da Faculdades EST. Contato: festrella1975@gmail.com

³ Doutora em Teologia, docente e orientadora no programa de Pós-graduação da Faculdades EST. Contato: giselastreck@gmail.com.

Considerações Iniciais

Este artigo surgiu a partir de uma inquietação para com os inúmeros casos cotidianos de violência sexual contra as mulheres. Diariamente novas reportagens sobre casos de violência sexual contra as mulheres são noticiadas nos mais diversos meios de comunicação. Mulheres das mais diferentes idades, classes sociais, etnias, crenças, lugares, tem sido violentadas e, muitas vezes, pelo próprio marido ou companheiro. Por vezes, a violência sexual é justificada, inibindo a mulher que sofreu a violência de prestar queixa, dessa forma, a violência é silenciada. A invisibilidade aliada à impunidade isenta o agressor da responsabilidade pelos seus atos e reforça a continuação da violência.

Este artigo visa buscar formas de as comunidades cristãs acompanharem estas mulheres violentadas em suas dores e angústias, tendo em vista a importância pela busca por aprimoramento nas ações que envolvem atendimento, sensibilização e capacitação de pessoas para lidarem com o assunto. O desafio é olhar para a realidade da violência sexual pensando em alternativas para o enfrentamento, a partir de autores que tem trabalhado o tema, como: Kátia Soares Braga, Débora Diniz, André Musskopf, Marcia Blasi, Diane Mandt Langberg, dentre outros.

A violência sexual contra a mulher

“A violência sexual constitui-se em um fenômeno social persistente, multiforme e agravada pela violência psicológica e física.”⁴ Surge a partir da desigualdade de gênero, discriminação contra as mulheres, abuso de poder e controle sobre indivíduos, e pode causar traumas para o resto da vida⁵. “A violência sexual afeta aproximadamente uma em cada cinco mulheres em todo o mundo.”⁶

O artigo 7, alínea III, da Lei Maria Da Penha, caracteriza a violência sexual doméstica da seguinte forma:

Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua

⁴ BRAGA, Kátia Soares; NASCIMENTO, Elise; DINIZ, Debora. *Bibliografia estudos sobre violência sexual contra a mulher: 1984-2003*. Brasília: Letras Livres; Editora UnB, 2004, p. 7.

⁵ MARSHALL, Mandy. *Violência Contra Mulheres – Nas Igrejas Também*. Trad. Cléo Soares Souza. 18 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.aliancaevangelica.org.br/recursos/noticias/261-violencia-contra-mulheres-nas-igrejas-tambem>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

⁶ MARSHALL, 2017.

sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos⁷.

A violência sexual contra a mulher, cometida principalmente em meio a relações familiares e privadas, estabelece relações de submissão mediante o controle da sexualidade. A violência no âmbito familiar é uma questão que tem aumentado no decorrer dos anos, tem atingido inúmeras famílias, como relações de poder⁸. A forma mais brutal da violência sexual é o estupro, que pode ser marital, quando a esposa é obrigada a manter relações sexuais com seu marido ou companheiro. Uma das formas mais presentes de violência sexual é o assédio sexual⁹.

É preciso reconhecer a realidade da violência contra as mulheres e a extensão do problema, não ignorar o fato de que casos de violência contra as mulheres acontecem também em famílias cristãs. Faz-se necessário romper o silêncio e trazer à tona os mais diferentes casos de violência sexual contra as mulheres, inclusive os que acontecem em lares cristãos.

As contribuições do aconselhamento a mulheres em situações de violência sexual

O aconselhamento, como processo de escuta ativa, permite estabelecer relação de confiança entre a vítima de violência sexual e o aconselhador ou a aconselhadora, facilitando a superação da situação traumática e auxiliando no encaminhamento aos profissionais especializados. Expressões como acolhimento, escuta, empatia, encorajamento, discernimento, esclarecimento, confiabilidade, descrevem uma pessoa que tem interesse em se colocar à disposição para acompanhar mulheres vítimas de abuso sexual¹⁰.

⁷ BRASIL. *Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006*. [Lei Maria da Penha]. Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 08 ago. 2017.

⁸ PEDERSEN, Jaina Raqueli. Serviço de enfrentamento à violência, Abuso e exploração sexual contra Crianças e adolescentes: a busca pela garantia dos direitos da população infanto-juvenil. In: MARCHEZAN, Nair Angélica Comassetto; MENDES, Luís Marcelo. *Expressões de violência e seu enfrentamento no CREAS*: Centro de Referência Especializado da Assistência Social. 2 ed. Passo Fundo: Méritos, 2009, p. 22.

⁹ BRAGA, NASCIMENTO, DINIZ, 2004, p. 7-8.

¹⁰ RINKLIN, Ruth. *A fé cristã como auxílio na recuperação da dignidade humana em vítimas de abuso sexual*. [Monografia Pós-Graduação Lato Sensu]. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação - Escola Superior de Teologia, 2004, p. 14.

A frase: “Sou chamada para estar presente e amar”¹¹ resume o papel de alguém que se dispõe a acompanhar mulheres violentadas. As características citadas acima somadas à solidariedade, amor e respeito, farão com que a mulher vítima de abuso sexual se sinta segura e aceita. Conseqüentemente, mais à vontade para expressar da sua dor e de seus sentimentos.

As pessoas que se dispõem a trabalhar o tema do enfrentamento a violência sexual e acompanhamento a essas mulheres, não tem que ter, e não tem, todas as respostas, nem mesmo estão ali para oferecer respostas prontas. É importante que cada ser humano tenha consciência de suas limitações, não é diferente com quem se dispõe a acompanhar mulheres violentadas. Quem optou por este ministério coloca-se a disposição para caminhar junto, demonstrar amor e cuidado e auxiliar no desenvolvimento de estratégias, organização de pensamento, enfrentamento a violência, etc. Não é tarefa do aconselhador ou da aconselhadora fornecer respostas prontas¹².

Ainda que os vários relatos de abuso sexual mostrem como muitas mulheres passam por situações de abuso sexual parecidas, as peculiaridades da experiência de cada mulher precisam ser respeitadas e valorizadas. Por exemplo, não dá para aconselhar uma mulher a abandonar imediatamente seu marido abusivo se ela não tem para onde ir e se a comunidade cristã também não tem lugares para indicar, ou aconselhar a mulher a se confrontar com o marido que é altamente violento¹³.

É fundamental ter consciência da dor da outra pessoa, ter consciência do estrago e destruição que o abuso pode causar em uma vida, mas não se deixar afogar por esta dor, não permitir que o desespero impeça as devidas atitudes que devem ser tomadas¹⁴. As situações de violência sexual são as mais diversas e assustadoras, por isto: “Esteja disposto a crer no incrível.”¹⁵

¹¹ LANGBERG, Diane Mandt. *No limiar da esperança: abrindo as portas para a cura de vítimas de abuso sexual*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003, p. 226.

¹² LANGBERG, 2003, p. 233.

¹³ BLASI, Marcia. Aconselhamento pastoral em perspectiva feminista: princípios básicos. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Orgs.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014, p. 231.

¹⁴ LANGBERG, 2003, p. 226-227.

¹⁵ LANGBERG, 2003, p. 229.

Sugestões para o aconselhamento a mulheres violentadas

É importante estabelecer um lugar seguro e protegido para o encontro da mulher que sofreu violência com o aconselhador ou com a aconselhadora¹⁶. Sempre levar a sério tudo o que for dito e lembrar-se que abuso sexual é crime¹⁷. Faz-se necessário encorajar a mulher violentada a ir à polícia, fazer a denúncia, e ao pronto socorro (quando estupro). A pessoa que foi procurada pela mulher violentada para lhe aconselhar deve ir junto ou sugerir alguém que possa ir junto, seja à delegacia ou ao hospital¹⁸. Encorajar e auxiliar a mulher violentada a buscar ajuda profissional, alguém especializado na área é extremamente importante¹⁹. Por isso, também é fundamental que, quem decidiu acompanhar situações de violência, mantenha-se informada sobre telefones e locais de denúncia, ONGs que trabalham neste sentido, delegacia da mulher, casas de acolhida, profissionais capacitados e capacitadas para atender nesta área.

“Para que a vítima reconheça e admita o abuso ela precisa recuperar sua voz. A recuperação da voz constitui um componente vital da cura. A voz é a expressão de si mesmo, tão necessária para restaurar a identidade da vítima.”²⁰ Cada pessoa tem o seu tempo, não se deve exigir que a pessoa fale o que ela não está segura em falar, não pressione. Ouça atentamente, não se apresse. A resiliência pode acontecer com o tempo, é preciso ser paciente. “Para uma mulher que nunca teve sua voz ouvida e respeitada, falar é algo que precisa ser aprendido.”²¹ Não minimize a situação. “Todo abuso sexual é sério, até mesmo quando o abuso aconteceu apenas uma vez ou se ele nunca passou de carícias!”²²

“[...] um dos principais obstáculos ao combate à violência sexual, bem como das demais manifestações de violência, é a ocultação e o silêncio que encobrem o que ocorre, principalmente no âmbito familiar e doméstico.”²³ Uma sugestão para comunidades cristãs é a realização de oficinas onde as mulheres possam se abrir e expor seus sentimentos, sejam

¹⁶ RINKLIN, 2004, p. 14.

¹⁷ LANGBERG, 2003, p. 230.

¹⁸ LANGBERG, 2003, p. 234.

¹⁹ LANGBERG, 2003, p. 229.

²⁰ COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. *Aconselhamento pastoral em casos de abuso sexual*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2010, p. 37.

²¹ BLASI, 2014, p. 233.

²² LANGBERG, 2003, p. 231

²³ PEDERSEN, 2009, p. 35-36.

através da fala, através da escrita, desenhos, artes, etc.²⁴ É importante que mulheres encontrem dentro de comunidades cristãs espaços para expressar-se das mais diferentes formas.

É importante a participação da mulher violentada em pequenos grupos da comunidade, pois estes contribuem para o processo de cura, através da conversa, compartilhar situações da vida, oração e benção²⁵. “[...] é sábio ter uma rede de apoio.”²⁶ Os grupos podem ser um lugar onde histórias são compartilhadas, contadas e ouvidas. “Organizar grupos de apoio com mulheres poderia e deveria ser um trabalho contínuo das igrejas.”²⁷ Em conjunto se reflete sobre a realidade e constrói-se sinais de confiança em si mesmas e em outras mulheres²⁸. A ação de compartilhar histórias de vida é fundamental numa escuta sensível²⁹. Falando e ouvindo outras histórias as mulheres se dão conta que outras também já enfrentaram as mesmas situações, enfrentam os mesmos sentimentos, elas percebem que não estão sozinhas, e que não estão malucas³⁰. Nos grupos há não só troca de histórias, mas de conhecimentos, experiências e sentimentos.

“Quando uma pessoa vive num mundo que nega a dignidade de vida e onde injustiças são comuns, encontrar e participar de uma comunidade, na qual a vida é afirmada, é crucial.”³¹ Nada justifica o abuso, portanto, jamais insinue culpa por parte da mulher violentada³². Ao contrário, nas conversas, deve-se deixar claro que ela (a mulher violentada) não tem culpa nenhuma e que a culpa é unicamente do abusador³³.

Em algum momento, preferivelmente mais no final do processo de cura, é relevante algum tipo de confrontação com o agressor. Desejo este que deve vir da mulher violentada. Este confronto seria como um ponto final da história. Seria um tempo de desabafo de emoções e expressão daquilo que tanto a feriu³⁴.

²⁴ VANZIN, Vivian; MARCHEZAN, Nair Angélica Comassetto. Exploração Sexual de crianças e adolescentes: da pesquisa a intervenção. In: MARCHEZAN, Nair Angélica Comassetto; MENDES, Luís Marcelo. *Expressões de violência e seu enfrentamento no CREAS*: Centro de Referência Especializado da Assistência Social. 2 ed. Passo Fundo: Méritos, 2009, p. 85.

²⁵ RINKLIN, 2004, p. 18.

²⁶ LANGBERG, 2003, p. 233.

²⁷ BLASI, 2014, p. 231.

²⁸ BLASI, 2014, p. 231.

²⁹ VANZIN; MARCHEZAN, 2009, p. 88-89.

³⁰ BLASI, 2014, p. 233.

³¹ BLASI, 2014, p. 231.

³² LANGBERG, 2003, p. 231.

³³ RINKLIN, 2004, p. 24.

³⁴ RINKLIN, 2004, p. 26.

Atitude essa que equivale a uma demonstração de coragem e independência diante do 'gigante' que uma vez conseguiu intimidar a sua 'presa'. Expressar, como sobrevivente, o que pensa dos seus atos cometidos, - sem julgá-lo. Provando com isto a reconquista da sua própria personalidade e, da sua dignidade como ser humano!³⁵

Existem várias formas de confrontação: direta e pessoal, escrever uma carta, gravar um vídeo, até mesmo ter uma conversa fictícia³⁶. Por inúmeros motivos, muitas vezes por questões de segurança, a confrontação direta e pessoal não é possível, nestes casos pode-se optar por algum dos outros tipos de confrontação, que são tão valiosos quanto a confrontação direta e pessoal.

[...] o enfrentamento acerca de tal violência requer, além de um trabalho em rede, um posicionamento e reconhecimento acerca da complexidade e da gravidade que rodeiam tal fenômeno, visando não apenas a efetivar seus direitos, mas que os envolvidos nesta teia de violências se reconheçam enquanto sujeitos capazes de superar tal situação (re) construindo sua autonomia e buscando seus direitos sociais.³⁷

O perdão é importante, mas ele deve vir com o tempo. Não tente de início tratar a questão do perdão. A vontade de perdoar deve surgir a partir de muita conversa e reflexão. Não é bom acelerar processos. O perdão poderá vir com o tempo se a mulher assim decidir³⁸.

A formação, instrumentalização e capacitação é importantíssima no enfrentamento a violência contra as mulheres. Portanto, ler, pesquisar, buscar conhecimento sobre o assunto, preparar-se para acompanhar mulheres que foram violentadas é de grande valia³⁹. Mas, tenha sempre em mente que muitas literaturas e informações que se tem sobre aconselhamento, seja pastoral ou psicológico, foi pensado e formulado em um contexto extremamente patriarcal. "Teorias e dogmas foram criados sem levar em conta a experiência das mulheres nem o dano que o patriarcalismo causou às suas vidas. Estes mesmos dogmas e teorias também foram criados e utilizados para legitimar e justificar a subjugação das mulheres."⁴⁰

³⁵ RINKLIN, 2004, p. 26.

³⁶ RINKLIN, 2004, p. 26.

³⁷ VANZIN; MARCHEZAN, 2009, p. 93.

³⁸ LANGBERG, 2003, p. 232.

³⁹ LANGBERG, 2003, p. 228.

⁴⁰ BLASI, 2014, p. 232.

Prevenção à violência sexual e doméstica

É de suma importância que comunidades cristãs trabalhem com a prevenção da violência contra as mulheres. Uma das formas de prevenção é o próprio trabalho com mulheres, conversas, troca de experiências e conhecimentos, informações. “[...] empoderar as mulheres a transformar o mundo patriarcal no qual vivem e não ajustar-se a uma situação particular.”⁴¹

Através de pesquisas chegou-se à conclusão que seria impossível planejar intervenções sem uma aproximação maior e a criação de vínculos com as famílias. É importante que pessoas que trabalham com aconselhamento nas comunidades cristãs, façam visitas domiciliares as mulheres vítimas de violência sexual, a fim de fortalecer a rede de apoio e para que esta rede se dê a conhecer e, a partir daí, sejam pensadas e desenvolvidas ações efetivas de prevenção, combate e enfrentamento à violência⁴².

Animar a participação das famílias em geral, em diálogos que visem orientar e discutir assuntos referentes à sexualidade, ao vínculo existente entre os integrantes da família, abordar assuntos relacionados à violência e dúvidas neste sentido⁴³. Buscar conhecer, analisar e propor alternativas de enfrentamento a situações de violência no local onde a comunidade está inserida⁴⁴. Ações de investigação, conhecimento, ação e apoio são fundamentais⁴⁵. Oferecer orientações e cuidado, empoderando as mulheres, focando em suas potencialidades, fazendo-as acreditar em si mesmas⁴⁶. Para isto, é importante “estabelecer conexão entre as mais variadas instituições sociais no sentido de fortalecer a rede de apoio às vítimas.”⁴⁷ Conhecer quais são as redes especializadas em atendimento a mulheres em situações de violência sexual é muito importante. Não apenas conhecer, mas manter contato com estas redes, dialogando, pensando juntos formas de enfrentamento a violência; apoiando financeiramente ou de outras formas; e encaminhando mulheres violentadas, quando necessário.

⁴¹ LANGBERG, 2003, p. 228.

⁴² VANZIN; MARCHEZAN, 2009, p. 72.

⁴³ VANZIN, MARCHEZAN, 2009, p. 85.

⁴⁴ COELHO, 2010, p. 41.

⁴⁵ VANZIN; MARCHEZAN, 2009, p. 88.

⁴⁶ BLASI, 2014, p. 230.

⁴⁷ COELHO, 2010, p. 41.

Considerações Finais

As igrejas cristãs não estão isentas do grave problema da violência sexual contra as mulheres, pelo contrário, são inúmeros os casos de violência sexual contra as mulheres que acontecem em famílias pertencentes a comunidades cristãs. É importante que comunidades cristãs reconheçam este fato e se envolvam no enfrentamento a violência contra as mulheres, buscando alternativas de enfrentamento, construindo pontes com serviços profissionais e especializados na área, oportunizando formas de quebrar o silêncio, lutando pela justiça, pela paz e pelo amor.

Referências

- BLASI, Marcia. Aconselhamento pastoral em perspectiva feminista: princípios básicos. In: MUSSKOPF, André S.; BLASI, Marcia (Orgs.). *Ainda feminismo e gênero: histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014.
- BRAGA, Kátia Soares; NASCIMENTO, Elise; DINIZ, Debora. *Bibliografia estudos sobre violência sexual contra a mulher: 1984-2003*. Brasília: Letras Livres; Editora UnB, 2004.
- BRASIL. *Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006*. [Lei Maria da Penha]. Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 08 ago. 2017.
- COELHO, Ana Alice Teixeira de Lima. *Aconselhamento pastoral em casos de abuso sexual*. [Dissertação de Mestrado]. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2010.
- LANGBERG, Diane Mandt. *No limiar da esperança: abrindo as portas para a cura de vítimas de abuso sexual*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003.
- MARSHALL, Mandy. *Violência Contra Mulheres – Nas Igrejas Também*. Trad. Cléo Soares Souza. 18 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.aliancaevangelica.org.br/recursos/noticias/261-violencia-contra-mulheres-nas-igrejas-tambem>>. Acesso em: 09 ago. 2017.
- PEDERSEN, Jaina Raqueli. Serviço de enfrentamento à violência, Abuso e exploração sexual contra Crianças e adolescentes: a busca pela garantia dos direitos da população infanto-juvenil. In: MARCHEZAN, Nair Angélica Comassetto; MENDES, Luís Marcelo. *Expressões de violência e seu enfrentamento no CREAS: Centro de Referência Especializado da Assistência Social*. 2 ed. Passo Fundo: Méritos, 2009.
- RINKLIN, Ruth. *A fé cristã como auxílio na recuperação da dignidade humana em vítimas de abuso sexual*. [Monografia Pós-Graduação Lato Sensu]. São Leopoldo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação - Escola Superior de Teologia, 2004.

VANZIN, Vivian; MARCHEZAN, Nair Angélica Comassetto. Exploração Sexual de crianças e adolescentes: da pesquisa a intervenção. In: MARCHEZAN, Nair Angélica Comassetto; MENDES, Luís Marcelo. *Expressões de violência e seu enfrentamento no CREAS: Centro de Referência Especializado da Assistência Social*. 2 ed. Passo Fundo: Méritos, 2009.